

CABRITA



O MAIS ANTIGO INTERNA-
CIONAL EM ACTIVIDADE
BAIXOU À II DIVISÃO!

1. 16-28 DE JULHO DE 1957-Preço 1\$50

CRÓNICA
Desportiva

AS CAPAS DESTA REVISTA SÃO
REPRODUÇÃO FOTOLITOGRAFICA
E IMPRESSÃO OFFSET DA
FOTOGRAVURA NACIONAL, LDA.
RUA DA ROSA, 273 E 277 LISBOA TELEF. 20958

MÁRIO DE AGUIAR apresenta

CRÓNICA DESPORTIVA

N.º 16 — 28-7-1957

Director e Editor: VASCO SANTOS
Redacção e Administração: Rua Saraiva
de Carvalho, 207 — Telefones: 66 86 39
e 66 86 84 — Propriedade de AGUIAR
& DIAS, LDA. — Distribuição da AGENCIA
PORTUGUESA DE REVISTAS — Com-
posto e impresso nas oficinas da E. N. P.
(Anuário Comercial de Portugal)

Todos os Domingos

DESTINOS TROCADOS...

Algo está errado nesta fotografia. Que vemos nós? Couceiro e Caldeira, jogadores de futebol montados em bicicletas e Américo Raposo e Pedro Polainas brincando com a bola de couro!

Simplez brincadeira, claro. Nem Caldeira e Couceiro pensam algum dia fazer a «Volta a Portugal» em bicicleta, nem Polainas e Raposo sonham destronar os Di Stefanos, Kopas, Puskas & C.º.

No entanto, quem sabe se um festival desportivo, com ases a praticarem outras modalidades, como seja futebolistas consagrados a disputarem uma corrida de ciclismo; os ciclistas, basquetebolistas, pingue-ponguistas, etc., num jogo de futebol; vários outros em atletismo, hóquei em campo ou andebol — quem sabe, repetimos, se a um festival desportivo desta natureza não interessaria o público mais do que certos jogos de futebol sensoriais!...



MARIA VIRGÍNIA DE AGUIAR



deu um salto...
— ou não
tivesse sido
patinadora
da
Académica
da
Amadora...
— e anda agora
às voltas
com o Teatro
e o
Cinema!

Para falar de Maria Virgínia de Aguiar, tivemos de começar pelo seu passado desportivo, onde como patinadora da Académica da Amadora, representou de forma brilhante o nosso País no estrangeiro, vencendo uma das mais difíceis competições desportivas da Europa — o Teste Olímpico da Bélgica.

Decidida e voluntariosa, Maria Virgínia de Aguiar tem agora outras actividades, tendo iniciado os seus primeiros passos no Teatro, a convite do actor Jacinto Ramos, director do Teatro Experimental de Lisboa.

Foi assim que a vimos recentemente na «Farsa de Inês Pereira»; de Gil Vicente.

Entretanto, o Cinema ofereceu-lhe nova oportunidade. Tendo sido contratada para intérprete do filme «Lavadeiras de Portugal», que últimamente foi realizado no nosso País, em breve revelou capacidades de trabalho tão aproveitáveis, que foi também assistente de produção no mesmo filme ao lado de Augusto Fraga. O produtor espanhol Cezário Gonzalez, que ficou bastante impressionado com as suas provas, resolveu contratá-la para a sua nova equipa, que vai realizar entre nós, «Rainha depois de Morta», com António Villar.

E aqui têm como Maria Virgínia de Aguiar — a noiva eterna do desporto, que guarda ainda religiosamente os seus patins e o seu fato branco da noite da sua estreia... — abraçou, confiada em si própria, o Teatro e o Cinema.

A graciosa desportista que o cinema conquistou conversa com a famosa «vedeta» Paqueta Rico, no intervalo das filmagens de «Lavadeiras de Portugal».



Maria Virgínia — patinadora da Académica da Amadora.



AS MELHORES E AS PIORES
RECORDAÇÕES DE

João Cruz

um dos mais valorosos
extremos-esquerdos
de sempre

Em luta com Passos, quando este
ainda jogava na Cuf.

Diz-se hoje em referência a João Cruz, e quando se recorda a sua carreira, que foi ele dos melhores extremos-esquerdos portugueses de todos os tempos, havendo mesmo quem sem hesitação, o coloque em n.º 1.

Natural de Elvas, muito jovem ainda, foi viver para Setúbal. Ali se desenvolveu e... começou a dar pontapés na bola, tinha então 12 anos.

Aos 14 anos (hoje seria impossível...) e graças ao seu desenvolvimento físico e técnico, João Cruz alinhava na 1.ª categoria do Vitória de Setúbal, lado a lado com Artur Augusto, Anibal José, Francisco Silva, Cambalacho e outros «ases» do tempo. Durante seis épocas permaneceu na cidade sadina. Depois o Sporting acenou-lhe e foi no clube dos «Leões» que conheceu, no decorrer de onze épocas, os seus melhores momentos. Campeão de Lisboa, Nacional e vencedor da Taça, João Cruz entregou ainda a camisola nacional

Quando deixou o futebol, foi para Luanda, como funcionário corporativo. Veio recentemente a Lisboa, em gozo de férias — e aproveitamos o facto para o interrogarmos acerca dos melhores momentos da sua bela carreira:

— Os melhores? Recordo-me de vários. Um jogo inesquecível contra a Hungria em que vencemos por 4-0 e marquei dois golos. Outro contra o Belenenses, que levava dois golos de vantagem em jogo de 2.ª mão da Taça. A um quarto de hora do fim o resultado estava em 0-0, mas... depois marquei três golos e o Sporting venceu.

— E qual a pior recordação?

— Quanto à pior recordação da minha carreira foi no jogo com a Suíça em Milão, que fomos eliminados do campeonato do mundo, porque... eu falhei o primeiro «penalty» da minha carreira! Atriei a bola ao poste, que fatalidade a nossa, e perdeu-se também a recarga!



No Organismo onde sempre foi funcionário exemplar.



Escapando-se ao duro José Maria Antunes, num jogo com a Académica.

Do album de

JOÃO
CRUZ



Aprestando-se para
marcar um golo ao Be-
lenenses.



Simões, do Belenenses
chegou primeiro à bo-
la. Nessa altura, Cruz
andava a cumprir ser-
viço militar...



Esta semana fazem anos

Nada menos de nove jogadores de primeiro plano fazem anos na semana que entra. Hoje, domingo, festejará o seu 36.º aniversário o antigo internacional do Atlético, Ernesto Nogueira de Oliveira. Nasceu em Lisboa em 28 de Julho de 1921 e representou o União de Lisboa de 1939-40 a 41-42; o Marvilense em 42-43 e o Atlético desde 1945-46. Foi seis vezes internacional.

Amanhã, faz anos o seu jovem colega de equipa, Abel da Silva Balsa Alfaro. Este nasceu no Entroncamento em 29 de Julho de 1932, pelo que completa 25 anos. Foi junior do C. D. Entroncamento, em 1949-50, e em 1953-54 transferiu-se para o Atlético. Na terça-feira fazem anos dois jogadores: Bezerra, do Belenenses e Costa do Sp. de Braga.

Manuel Mário Conceição Bezerra nasceu em Luanda, em 30 de Julho de 1933, prefazendo, pois, 24 anos. A sua ficha federativa: 1950 a 1952 — F. C. Luanda; 52-53 a 55-56 — Portimonense; desde 1956-57 — Belenenses.

Francisco Mendes Costa é natural de Braga, e completa 21 anos, apenas; pois nasceu em 30 de Julho de 1936. Apenas um clube: Sporting de Braga, desde 1954-55.

Na quinta-feira, primeiro de Agosto, os aniversariantes são Gil, da Académica, e Salvador, do Benfica. O primeiro faz 27 anos, porquanto nasceu, em Lisboa, em 1 de Agosto de 1930. Foi junior do Benfica em 48-49 e ingressou na Académica em 50-51.

Salvador Félix Martins nasceu na Trafaria em 1 de Agosto de 1932, completando, assim, 25 anos. Também junior do Benfica, em 1952-53, foi «emprestado» ao Benfica, em 1952-53, foi «emprestado» ao C. D. Costa da Caparica na época seguinte, voltando ao clube campeão nacional em 1952-53.

Também na sexta-feira há dois aniversários a festejar, entre gente da bola: Pinto de Almeida, do Vitória de Setúbal e Albano Sarmiento, do F. C. Porto.

Manuel Pinto de Almeida é natural de Lisboa, onde veio ao mundo em 2 de Agosto de 1927. Entra, pois, na casa dos trinta... Foi junior do Belenenses, em 1944-45 e transferiu-se para o Juventude de Évora em 1951-52. Desde 1952-53 que representa o Vitória de Setúbal. Albano Maria Bastos Rodrigues Sarmiento nasceu no Porto em 2 de Agosto de 1935, completa 22 anos, e apenas representou o F. C. Porto (duas épocas em juniores, desde 1952-53).

Finalmente, no sábado, comemora o seu 32.º aniversário o antigo «internacional», Ângelo Ferreira de Carvalho. Nasceu em Coimbra em 3 de Agosto de 1925. Clubes que representou: 1941-42 — Salgueiros; 43-44-45, — F. C. Porto; 45-46 — União de Coimbra; 64-47 a 54-55 — F. C. Porto; desde 1955-56: Salgueiros. Foi quinze vezes internacional. A prenda de anos já a recebeu antecipadamente, com a subida do seu clube à 1.ª Divisão...



O curso de treinadores de atletismo de 1944

cias directamente ligadas à prática dos exercícios desportivos, como a anatomia, fisiologia, higiene e biometria, e ainda ao ensino de conhecimentos gerais de maça-gem desportiva e do tratamento de urgência das mais comuns lesões desportivas.

Estas últimas lições foram ministradas pelo Dr. Salazar Carreira no seu consultório da Av. da Liberdade, e as aulas de ginástica, orientadas pelo professor Fernando Ferreira, realizaram-se primeiramente nas salas do Ateneu Comercial, tendo prosseguido depois no magnífico ginásio da «Casa da Mocidade Portuguesa». As lições práticas decorreram no Estádio do Lumiar.

Enfim, um curso de que algo se aproveitou e cuja ilacção se esqueceu.

Imagem do Curso de Treinadores de Atletismo de há treze anos, ministrado pelo Dr. Salazar Carreira e professor Fernando Ferreira.

Agora que o atletismo está a registar apreciável expansão na Província vem a propósito evocar uma iniciativa de há treze anos que, a repetir-se nesta altura, decerto constituiria um êxito maior ainda.

Trata-se do Curso de Treinadores de Atletismo que, por iniciativa da Direcção Geral dos Desportos se realizou de Agosto a Novembro de 1944.

Dirigido superiormente pelo Dr. Salazar Carreira, com a colaboração proficiente de Fernando Ferreira, o curso registou inicialmente 25 inscrições e constou do seguinte:

Os candidatos a treinadores receberam semanalmente quatro horas de ensino teórico e quatro sessões de ensino prático, sendo duas de ginástica pré-desportiva e as outras de treino e aprendizagem em campo. A teoria dividiu-se pela análise da técnica e preparação das várias especialidades atléticas e pelas ciên-



HUMOR NO DESPORTO

— Vê lá tu que a estúpida da minha mulher escolheu um dia destes para fazer compras!



— Com certeza que os jornalistas que profetizaram a minha vitória devem ter ficado com cara de parvos!...



... Agora, esta Taça: se a memória não me atraiçoar, foi ganha em 1929, num combate de pesos...

A VOLTA AO MUNDO

O F. C. de Sete chegou a ser conhecido como a O.N.U. do futebol, porque na sua equipa havia nove estrangeiros entre austriacos, húngaros, jugoslavos, marroquinos, argelinos e... alguns franceses.
Como se entendiam é que não se sabe...



Há alcunhas de jogadores que eles próprios não sabem explicar. «Rola» — por exemplo, Joaquim Tavares Guiomar é o seu nome verdadeiro. E Guiomar seria bem fácil de fixar, porque é nome raro ou mesmo inédito no «estrelato» do futebol. Mas ninguém o conhece assim. É uma questão de herança. Ao seu bisavô chamavam Rola...



Atribui-se a Tom Witaicer, famoso «manager» do Arsenal, a sugestão para que se uniformizassem as cores de equipamento: visitados — camisola e calções azuis ou vermelhos; visitantes: camisola e calções brancos. Escusado será dizer que a ideia não vingou.



Em 24 de Agosto de 1899 foi inaugurado o Velódromo de Viana de Castelo, mandado construir pelo Clube dos Caçadores. Na corrida dessa tarde promovida pelo Sport Clube Vianense, o campeão português, António Lopes, venceu por meia roda, o «ás» da época, José Bento Pessoa.

Na cidade francesa de Mans, conta-se que um director de um asilo de crianças foi ao clube local pedir bolas velhas, porque os asilados costumavam jogar futebol com latas de sardinha. O clube fez-lhe a vontade e ofereceu algumas bolas usadas. Nos primeiros dias, os rapazes utilizaram as bolas ofertadas, mas depois voltaram a empregar as latas de sardinha. Admirado, o director perguntou-lhes porque preferiam tal objecto em lugar da bola. A resposta deixou-o perplexo: E que as latas faziam mais barulho e por isso entusiasmavam mais...



Outra de crianças: quando o antigo internacional Muccinelli esteve internado para ser operado ao apêndice, viu com horror que 500 rapazes de uma escola o foram visitá-lo e não arredaram pé enquanto ele não autografou os seus caderninhos...



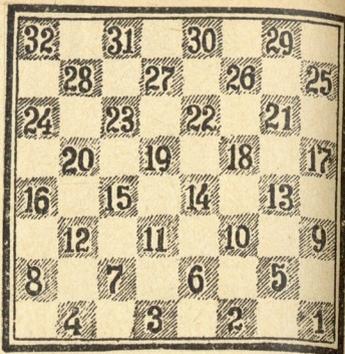
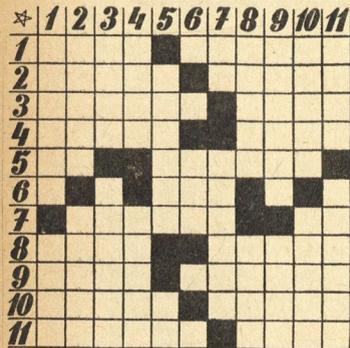
A primeira vez que num desafio internacional, a Inglaterra substituiu um jogador foi em 1950, num jogo entre as selecções B britânica e suíça. Coube a Roy Bently fazer a histórica substituição.



Há vinte anos, o campeão lisboeta de pingue-pongue, António Esteves foi convidado a exhibir-se no Porto. Em dois dias disputou 14 jogos, contra os melhores jogadores portugueses, e ganhou todos.

NO PRÓXIMO NÚMERO: A HISTÓRIA DE RAMIN

PALAVRAS CRUZADAS

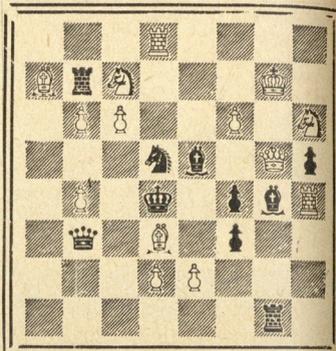


A pedido de alguns leitores, e por reconhecermos que, não se tratando de uma revista especializada, muitos dos nossos leitores desconhecem a matéria, publicamos o sistema convencional de numeração do tabuleiro.

XADREZ

E. M. HASSBERG

3.º Prémio Four-Pin-Way



Mate em dois lances

Mais uma batalha

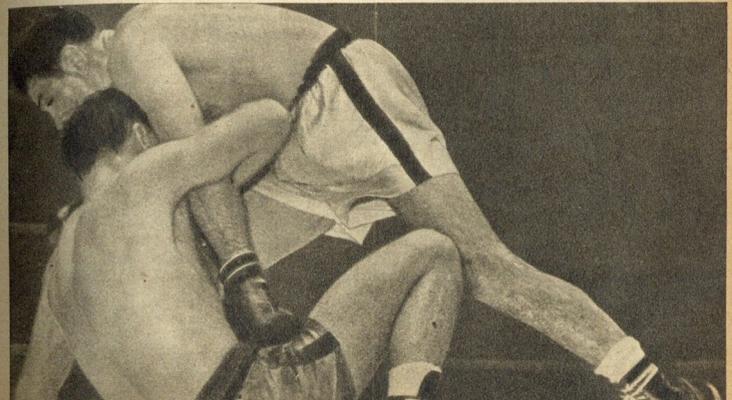
para a história do boxe...

O pugilismo é um desporto violento. Mas ninguém ousará negar que é pleno de emoção, de espectacularidade, de sensações fortes.

Estes dois documentos demonstram-no eloquentemente e põem à prova a renhez em que decorreu o combate Charles Humez-Ernie Durando.

Ambos os antagonistas socaram-se valentemente sem dar tréguas um ao outro, vencendo Charles.

A multidão vibrou e o *boxe*, violento, esmagador, ganhou, apesar de tudo, mais uma batalha.



Horizontais — 1 — Projectil; treinador de futebol. 2 — Demoram; osso de coxa. 3 — Campos semeados de cereais; produz. 4 — Inchaço; enfezadas. 5 — Art. pl.; compartimento de uma casa. 6 — Alguma. 7 — Existireis; prefixo equivalente a com. 8 — Apelido de um antigo presidente do Belenenses; combinar. 9 — Folhas de certas palmeiras, que serviam para nelas se escrever; ligava-se. 10 — Consideradas; olvidei. 11 — Contrária à Moral; campeões.

Verticais — 1 — Jogadores do Benfica e da Académica. 2 — Despedida; peça da bicicleta. 3 — Soletavam; jogador do Benfica. 4 — Prefixo designativo do ar; raspar. 5 — Assinala; jogador do Sporting. 6 — Juntei. 7 — Ilha de França; queimado. 8 — Recusar; divisa. 9 — Lista das iguarias; borboleta diurna. 10 — Campeão Nacional de xadrez; planta medicinal da flora brasileira. 11 — Unidades das medidas de capacidade de Damão (pl.); jogador do Oriental.

5 Benfiquistas



5 Destinos...

Há dois anos o Oriental disputou um importante jogo em Caldas da Rainha, a contar para o campeonato da II Divisão.

Pelos marvilenses jogou Rogério, antigo ídolo benfiquista. Entre a assistência, quatro antigos jogadores do Benfica. Juntaram-se os cinco e resolveram tirar uma foto.

Aqui estão pois cinco benfiquistas que seguiram cinco destinos diferentes.

Francisco Calado — o único que se mantém nas fileiras dos «encarnados»; Rogério, o mais hábil de todos e que se transferiu para o Oriental; Joaquim Teixeira, que jogou ao lado do último, formando ambos uma «asa» memorável; Mário Rui, que foi companheiro de Rogério tanto no Benfica como no Oriental, e que representou também o Belenenses; e Bispo, antigo júnior dos «encarnados», que se revelou no Caldas e joga actualmente na Cuf.

Na sua singeleza, esta foto revela de quanto o futebol é versátil, no âmbito clubista.

Lionel Terray

O Montanhismo é o desporto das emoções, do perigo, da resistência e da vontade. Nele, como em nenhum outro, o espírito de equipa é fundamental. O mais pequeno descuido ou egoísmo pode custar vidas...

A solidariedade entre os expedicionários da Montanha, desde o chefe ao último dos carregadores, é a base essencial do triunfo.

Apesar da valentia e abnegação dos bravos que se dedicam a este perigoso e fascinante desporto, em muitas expedições se registam vítimas — escaladores estóicos que ficam dormindo o sono eterno nos grandes cumes gelados ou nos desfiladeiros tenebrosos, rasgados nas rochas milenárias.

Assim sucedeu no Everest, em 1922 onde pareceram sete «sherpas» e em 1924, em



A corrida da vitória: Terray-Chamoniard prepararam o assalto final à Chacaraju.

O conquistador do Pico inacessível da Montanha de Chacaraju

morreram Mallory e Swine. Thornley e Grace encontraram a morte no Nanja Parbat e Roger Duplat e Vigner tiveram o mesmo destino no Nanja e Dervi. E tantos outros mais, numa lista macabra que não interessa prolongar.

Têm os franceses, dado largo e generoso contributo para a expansão do Montanhismo de alta escala. Nos Pirinéus, nos Alpes, no Anajura ou no Everest, em todas as montanhas inhóspitas, a bandeira tricolor tem sido hasteada como marco assinalável e altaneiro.

Uma montanha havia no entanto, que os homens não tinham ainda conquistado: a Chacaraju, com 6.000 metros de altitude e situada entre os Andes e o Pacífico.

No «Pico inacessível» — como fora cognominado o terrível cume — foram derrotadas, em 1952 uma expedição americana, e em 1954 do ano passado, o francês Lionel Terray, experiente alpinista do Anajura, chefiou uma equipa constituída por seis audaciosos companheiros, atingindo a desejada meta.

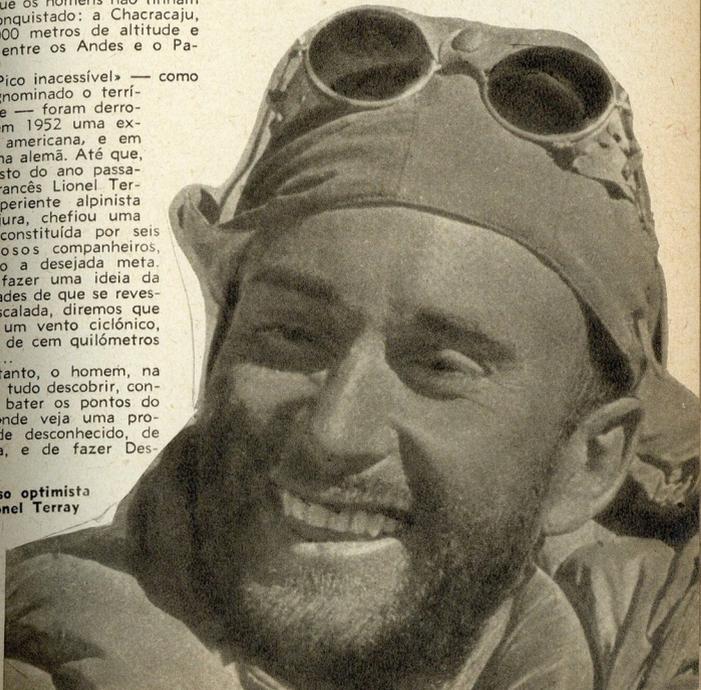
Para fazer uma ideia da dificuldades de que se revestiu a escalada, diremos que sopra um vento ciclónico, de mais de cem quilómetros à hora!...

Entretanto, o homem, na ânsia de tudo descobrir, continua a bater os pontos do Globo onde veja uma promessa de desconhecido, de aventura, e de fazer Desporto.

O sorriso optimista de Lionel Terray



Os cinco restantes membros da equipa que dominou o «Pico Inacessível» com Terray e Chamoniard: Senellier, Godin, Davaille, Geny e Martin Sourliac, festejam a histórica vitória.



TREINO DE UM ANO para uma corrida de vinte minutos

Entre as grandes provas desportivas britânicas, a regata Oxford — Cambridge, é das que despertam mais entusiasmo, não só nos meios náuticos, como fora deles. Para isso muito concorre a rivalidade entre as duas Universidades, com raízes fundas no Desporto e a esplêndida forma física e técnica como os dois «oitos» se apresentam a disputar a histórica regata.

As tripulações escolhidas para esta Regata encaram a escolha como uma honra e não se furtam a sacrifícios para corresponderem à confiança nelas depositadas.

A Turma de Cambridge — grande favorita da Regata de 1957 e que foi vencida contra todos os vaticínios começou a sua preparação logo após a sua vitória de 1956.

As exigências da prova são tão severas como as de uma Ordem monástica e os remadores quando chegam a tomar parte nela estão no máximo do seu apuro técnico e físico.

O regime de treino é o mais rigoroso que se pode imaginar: Após o levantar, impreterivelmente às 7 horas, segue-se uma sessão de ginástica que se prolonga até à hora do pequeno almoço (8 horas); segue-se um treino no rio que dura três horas

e no qual os remadores são sujeitos ao mais intenso esforço, quais escravos das galés, durando, em média, 14 milhas durante os seis dias da semana. Após o treino de rio, o treinador presta esclarecimentos e corrige defeitos. O almoço é seguido de descanso e lições teóricas até ao jantar, (20 horas) recolhendo todos aos aposentos pelas 22,30 horas. Durante as seis semanas que precedem a Regata não é autorizado a qualquer membro da tripulação beber álcool, — excepção feita a pequenas quantidades de cerveja — fumar, comer bolos e o contacto com o mundo exterior é limitadíssimo. As aglomerações e festas são proibidas, não pelo receio de quebra de forma dos tripulantes, mas para os preservar de ambientes viciados.

Embora os elementos que constituem a tripulação estejam previamente indicados, dá-se muitas vezes o caso, de à última hora, por motivos imprevisíveis — doença, baixa de forma técnica, física ou psicológica — algum dos remadores, dado como provável, seja substituído. Razão por que só muito próximo da «Race Boat» costuma ser conhecida a constituição definitiva da tripulação.

A regata Oxford-Cambridge impõe aos tripulantes de qualquer dos «oitos» tremendo esforço e algumas vezes se dá o caso de, em plena corrida, um remador desfalecer, como sucedeu a um dos tripulantes de Oxford na regata de 1954. Regra geral, todos chegam à meta completamente esgotados, mas orgulhosos da honra que lhes foi conferida.



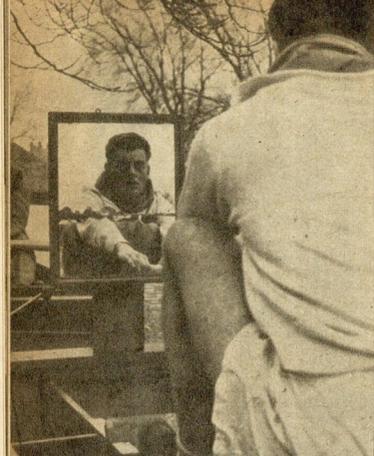
O homem que se propõe substituir PUSKAS

Este futebolista de estilo elegante e correcto é nosso conhecido, pois esteve em Lisboa, em Junho de 1956. Trata-se de Machor, avançado do Honvéd de Budapeste e da selecção húngara.

Recentemente, na capital magiar, Machor brindou o público com extraordinária exibição e obrigou o guarda-redes búlgaro a ir três vezes ao fundo das redes.

O público de Budapeste começa a esquecer o grande Puskas e a ver em Machor o seu substituto.

Um apontamento curioso que nos mostra a foto consiste no gigantesco relógio que faz parte do marcador, no estádio de Budapeste.



Michael Delahone, de Cambridge, treina-se individualmente, servindo-se de um espelho para lhe indicar os erros a corrigir, sob as vistas do treinador.

O regime de treino é o mais rigoroso que se pode imaginar: Após o levantar, impreterivelmente às 7 horas, segue-se uma sessão de ginástica que se prolonga até à hora do pequeno almoço (8 horas); segue-se um treino no rio que dura três horas

SABE QUE EQUIPA É ESTA?

Vejamos um por um: Perides, do Sporting, Cabrita, do Covilhã, Polido, do lusitano, Arcanjo, do F. C. Porto, Moreira, do Belenenses; Hugo, do Sporting, Dimas, do Belenenses, Teixeira do F. C. Porto, Gabriel e Martins, ambos do Sporting. Uma «salada de clubes» e uma grande equipa...

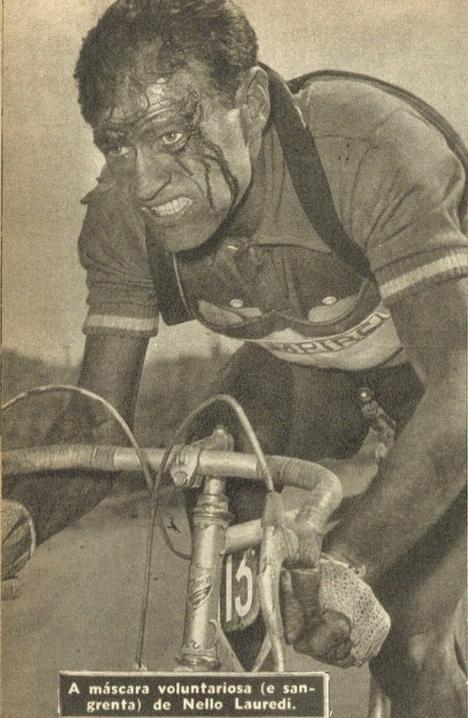
De que selecção se trata? Onde jogou? Que adversário defrontou? Qual o resultado? Qual o marcador do golo dos portugueses?

Resposta na página seguinte.



Volta à França

O "TOUR" DOS DRAMAS E DA GLÓRIA!



A máscara voluntariosa (e sangrenta) de Nello Lauredi.

Nem a Travessia da Mancha, nem a Maratona dos Jogos Olímpicos, nem as 24 Horas de Le Mans conseguem reunir, ao mesmo tempo, tanta glória! Mas o «Tour» — o «Tour de França» — tem tudo isso!

O «Tour» é a maior prova desportiva do Mundo e isto por si só diz tudo. Mas é também a par das suas inúmeras parcelas, de austeridade e de comédia, a mais bela e dramática a história do Desporto registada.

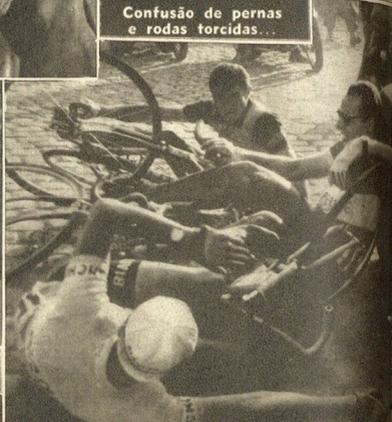
Através da «doce França», durante 21 dias, os maiores ciclistas do Mundo vão, em cada dia, ao sol, ao vento, à chuva até, de aldeia em aldeia, de vila em vila, de cidade em cidade, ultrapassando lugarejos, vencendo montanhas, varando cada recanto da França a alegria das camisas multicores e o ar de festa que a caravana encerra.

Estas imagens vibrantes, mais do que o reflexo das diversas fases que passam, dia-a-dia, esses «gigantes» do Desporto, não mais emocionante despiques da História do Desporto.



Uma cena familiar do «Tour»...

Confusão de pernas e rodas torcidas...



Doto não se sente capaz de continuar...



Kalteeler baixa ao posto do médico.



Dos fracos não reza a história! Ai, valente!...

Os pitorescos do «Tour»



Exhaustado! E talvez sonhando com a camisola amarela...

A ESQUERDA:

Adrianssen topou uma celha cheia de água e não resistiu a refrescar o rosto suado...

A DIREITA:

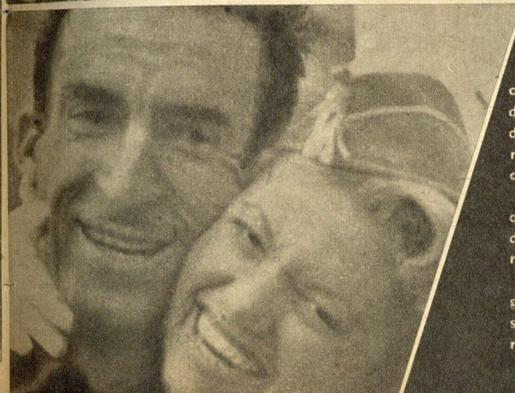
Vá lá, um bocadinho de fresquinho...



Ribeiro da Silva e Alves Barbosa — os portugueses que foram os melhores da equipa do Luxemburgo



Beijos, abraços e acenos...



As francesinhas exultam com o «Tour». Os vencedores das etapas e os mais conhecidos têm sempre o doce prêmio de um beijo no final de cada tirada.

Van West até arregala o olho. Os outros contemplados são Wagtmans e Gemiani.

E não falta também o aceno gentil — visão fugaz, mas sempre agradável, para os heróis das estradas de França.



Vai disputar-se a "Taça Império"?

Volta a falar-se na «Taça Império» — competição idealizada há muito, para que competessem alguns campeões ultramarinos em luta com os representantes metropolitanos (Campeões da I Divisão e da «Taça»). O assunto está em estudo, com vistas à próxima época.

Oxalá que, a ir por diante a ideia, se opte por um torneio em «poule» e não no género da «Taça Latina» — sistema que tem sido, a nosso ver, a causa do malogro financeiro em alguns anos. Uma semana basta para disputar um torneio quadrangular. Jornadas duplas, duas em domingos sucessivos e uma a intercalá-los, numa quarta-feira à noite...

Certo é que o campeão nacional já está sobrecarregado com provas internacionais (Taças Latina, Campeões Europeus, etc.). Apresenta-se, porém, a hipótese de em lugar de uma nova competição se fazer incluir simplesmente os campeões ultramarinos na «Taça de Portugal». Digamos, entrariam nas meias finais, isto é, quando estivessem apurados dois clubes metropolitanos. Decerto modo, esta ideia é mais lógica, porquanto uma «Taça de Portugal» sem clubes do Ultramar, podendo estes vir para outro torneio, parecerá, pelo menos, incompleta.

Dirigentes e não "torcedores..."

Em Angola há o maior cuidado em preservar os dirigentes das paixões do futebol, pois é sabido que, mormente nos meios pequenos (cá como lá...) nem todos os directores de clubes e até associativos sabem manter compostura, entusiasmado-se com os lances do jogo.

Eis a observação que os cartões de livre-trânsito da Associação de Benguela apresentam impressa no verso:

Nota — Aos dirigentes da A. F. B. é interdito manifestarem-se, ostensivamente, em actos ou em palavras que possam prejudicar os interesses dos clubes adversários, ou comprometer a actuação dos seus elementos em campo. Verificada a infracção até três vezes, o infractor perde o mandato por toda a géneroncia.

Resolução da A. C. de 30-3-1947.



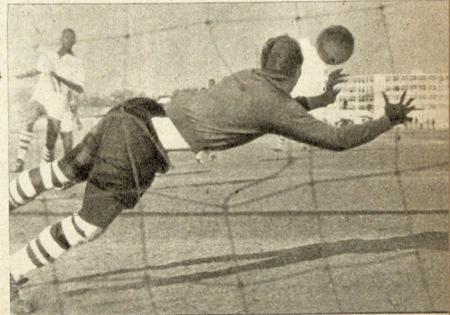
Enquanto houver destes rapazes, por esse mundo fora...

A vitória do Futebol está assegurada, porque enquanto houver destes rapazes pelo Mundo — e haverá sempre! — o Futebol será o espectáculo das multidões!

FRIO em ÁFRICA

Esta fase de futebol vem de Dacar. O sol doira o terreno. Mas o frio era tanto (18°!), que o guarda-redes se viu obrigado a pôr na cabeça um boné «passa-montanhas». Com 18° e cheios de frio!

Em Dacar, bem entendido!



Chama-se também «Taça Império» e foi disputada na inauguração do Estádio Nacional. O Sporting venceu o Benfica por 3-2 e conquistou um valioso troféu que Álvaro Cardoso, o capitão dos «Leões», exhibe orgulhoso, no final do encontro.

Nos campos da periferia das cidades, dezenas de milhares de jovens vivem na fabulosa esperança de se transformarem em campeões de futebol...

O espectáculo é quase sempre familiar — mas nem por isso deixa de ser vivido com impressionante e comovente entusiasmo... Em redor dos rectângulos — mais árvores do que pessoas... A baliza, sem rede, simboliza a heróica modéstia que longe de os aborrecer lhes tempera o idealismo e os revigora. Os desafios desenrolam-se quase sempre de manhã — entre a hora de tomar o comboio e o momento de entrar para as oficinas, escritórios, e escolas...

Sonhando com as ovações delirantes que talvez um dia os acompanhem — esses jovens futebolistas limitam-se a imitar, o mais fielmente possível, os modos e o estilo dos seus ídolos...

A imagem desta página vem de Itália. O certo, porém, é que a podemos considerar universal... Sonha-se assim em todo o Mundo — onde quer que haja um jovem interessado pela prática do desporto-rei...

Uma baliza sem rede e mais árvores do que espectadores



Soluções dos passatempos deste número

Palavras Cruzadas — 1 — Bala, Pineda. 2 — Adiem, femur. 3 — Searas, gera. 4 — Tumor, anãs. 5 — Os, quarto. 6 — Uns. 7 — Sereis, co. 8 — Mega, aliar. 9 — Olas, Aderia. 10 — Tidas, omitti. 11 — Amoral, ases. — 1 Bastos; Mota. 2 — Adeus, Selim. 3 — Liam, Pegado. 4 — Aero, Rasar. 5 — Marque, sa. 6 — Uni. 7 — If, assado. 8 — Negar, lema. 9 — Ementa, Iris. 10 — Durão, caite. 11 — Aras, Morais.

Foto-enigma — Selecção B — Nantes — França B — 1-1 — Teixeira.

Xadrez — 1. Dg6.

C A B R I T A

QUE ASPIRA
ESTABELEECER
UM RECORDE
NACIONAL
DE LONGEVIDADE
FUTEBOLÍSTICA





No princípio da sua carreira em Olhão.

na sua vida desportiva — que é repórter do seu clube no lugar privilegiado a que tem jus?!

Temos muito gosto em incluir nesta série de biografias-entrevistas, que **Crónica Desportiva** vem publicando semanalmente, a figura de um jogador de personalidade vincada, como é Fernando Cabrita. É uma história interessante, algo diferente, que nos vai contar o mais antigo «internacional» em actividade. Tem a palavra Fernando Cabrita:

LAGOS — TERRA NATAL...

— Nasci em Lagos em 1 de Maio de 1923. Um ano antes do título de campeão nacional ter ido, pela única vez até à data, para o Algarve...

— Em Lagos não havia interesse pelo futebol por aí além — continuou Cabrita —

Numa praia de Lagos, com familiares e amigos.

A primeira vista, Fernando Cabrita, é um jogador infeliz. Já lhe chamaram o «homem das lesões históricas». A estreia «internacional» foi um calvário. A sua coroa de glória — o eclipse de Owirk — outra. E se atentarmos que em três jogos de passagem — um pelo Olhanense e dois pelo Sporting da Covilhã — conheceu o travo da derrota, mais se avoluma a ideia de que Cabrita tem sido um jogador infeliz.

Puro engano. Perguntamos: pode considerar-se infeliz um jogador que aos 34 anos ainda é chamado à selecção nacional para jogar num país que aspira ao ceptro do futebol mundial? É infeliz um jogador que conta em cada camarada um irmão, em cada adversário um amigo, em cada adepto do futebol um admirador?

Não, decerto. As lesões contraídas na defesa das cores nacionais e outras são o que se chama «ossos do ofício». As derrotas sofridas, simples contingências das pugnas desportistas — reverso de mil e uma vitórias. E até as calúnias de que foi alvo em certo período da sua carreira no Olhanense são um reflexo do seu valor — centro de gravidade, invejas mesquinhas ou convicção cega de que ele era um super-homem e podia fazer milagres...

Não. Fernando Cabrita pode considerar-se um jogador feliz — como todo aquele que é correctíssimo em campo; que tem a satisfação de receber a incumbência de «capitanear» uma selecção nacional; que olha para o passado e vê 17 anos de triunfal prática desportiva (alguns mesmo além fronteiras); olha o futuro e não sabe ainda quando arrumará as botas; que é o mais antigo «internacional» em actividade; que é, a cada passo, consagrado pela crítica.

Baixou, agora, à 11 Divisão. Mas nem por isso se pode dar por infeliz. Não tem, agora, Cabrita, um grande fito na sua vida desportiva — que é repórter do seu clube no lugar privilegiado a que tem jus?!



Em estágio, para defrontar a R.A.F.

mas, entre miúdos, há sempre entusiasmo pela bola, mesmo de trapos que seja...

— A causadora até de muita gazeta à escola... — observámos.

— Nesse ponto não me posso queixar. Não me recorde de faltar às aulas para jogar à bola. Era um aluno cumpridor. Cheguei a frequentar a escola industrial, até ao segundo ano, e se não continuei foi porque a vida era dura e tive de começar cedo a trabalhar.

— Que espécie de emprego?

— Aprendi o ofício de serralheiro. E gostava, sabe?

1.500\$00 PELA TRANSFERÊNCIA DE CABRITA PARA O OLANHENSE

— Fale-nos da sua iniciação futebolística...

— Jogava em grupos populares. Quem «puxava» por mim era um antigo jogador do Sporting, a quem chamava «Ti Manel da Silva».

— Foi oficialmente, quando principiou a jogar?

— Foi na época de 1939-40. Tinha 16 anos — muito novo, o que não impediu que fosse logo seleccionado para o desafio Lagos-Portimão...

— Começo auspicioso para uma carreira...

— Jogar pela nossa terra é sempre honra... — replicou modestamente.

— E prosseguiu:

— O meu clube era o «Esperança» de Lagos. Mas depressa vieram convites do Olhanense e Farense.

— Porque escolheu o Olhanense?

— Ora, para qualquer jogador algarvio era um orgulho jogar no Olhanense — o «camponissimo»...

— Em quanto importou a transferência?

— Um conto e quinhentos! — foi a resposta.

Que lhe parece, leitor amigo? Mil e quinhentos escudos pelo passe de Cabrita — o que hoje é apenas metade do ordenado de um jogador de clube grande...

Dez anos depois, a «carta» de Cabrita valia, seguramente, cem vezes mais!

As voltas que o Mundo dá...

OS PRIMEIROS TEMPOS DO OLANHENSE

— Quando ingressei no Olhanense, enchi-me de «peneiras» — continuou Cabrita, com toda a franqueza. — Fiquei convencido que entrava «de caras» no primeiro «team»...



— Que idade tinha então?
— 17 anos. Era uma criança... Desidério Hertzka, que era o treinador, é que não me quis «lançar» logo na primeira categoria.

— Quem era o titular então? — inquirimos.
— Era um rapaz de Loulé, chamado Da-mião — esclareceu Cabrita.

— E o seu lugar na equipa era então...
— ...avançado-centro.

— Que fez então?
— Fugiu para Lagos!
— O quê!? Amouu?
— Talvez por isso, talvez porque tinha

saudades da minha casa. Minha mãe nunca aprovou a minha ida para Olhão, pelo menos enquanto não viu a minha situação definitiva. Pedia-me para voltar...

UMA LESÃO INOPORTUNA

— O Olhanense con-fomou-se com a sua fuga para Lagos?
— Não. Correram

O quinteto avançado do Olhanense que disputou a final da Taça de Portugal de 1945: Moreira, Joaquim Paulo, Cabrita, Salvador e Palmeiro.



Passando com Joaquim, antigo jogador do Sevilha.

logo a minha casa. Prometeram-me que jogaria na 1.ª categoria e voltei. Por pouco tempo, aliás.

— Voltou a fugir?
— Não. Lesionei-me num joelho. A tal ponto que me julguei perdido para o futebol...

— Mas curou-se, felizmente...
— Sim, devo-o ao dr. Manuel Eusébio Ramires, médico muito conhecido em Olhão.

— Depois?
— Arranjei emprego em Olhão. Uma oficina de serralharia, de que era proprietário o sr. José da Horta, desportista olhanense que me dava todas as facilidades para treinar e jogar.

— Também teve um «café»...
— Isso foi mais tarde, depois da tropa. Eu, o meu colega Salvador, e o treinador José Mendes constituímos uma sociedade, com a ajuda do Olhanense e montámos o negócio. Era o Café Danúbio. Mais tarde ainda, o Salvador desistiu da sociedade, foi para Angola, entrou outro sócio, depois foi eu que saí, quando fui para França.

OS «GRANDES» TENTAM-NO...

— Quando estava no Olhanense e foi internacional nunca foi instado para mudar de clube?

— Muitas vezes. Todos os «grandes» me fizeram convites — confessou Cabrita.

— Que tal, as propostas?
— Lembro-me que o Sporting ofereceu 60 contos pela minha «carta» e a promessa de um bom emprego para mim.

— Não aceitei...
— O Olhanense não estava nessa disposição. Por esse tempo começámos a jogar na I Divisão e eu fazia-lhe jeito...

E comentou:
— Era um clube da Província mas aquela linha avançada — o Moreira, Joaquim Paulo, eu, Salvador e Palmeiro — sabia fazer coisas...

— Tanto assim que chegaram a ser chamados à selecção nacional...
— Para treinos. Só eu, de nós cinco con-segui ser internacional. O Salvador ainda jogou contra a R.A.F.

— Recorda-se da sua estreia «internacional»?
— Se recordo... Foi uma tristeza...

ESTREIA INTERNACIONAL QUE FOI UM CALVÁRIO...

— Tinha 21 anos. Inexperiente, andei como atordado nesses dias que antecederam o jogo e muito mais quando apareci no campo. O adversário, era a Espanha, calcule! — uma equipa experiente e dura. Foi uma estreia muito triste. Joguei com umas botas novas, que me puseram os pés a sangrar — lembrou ainda.

— Foi um caso falado, não é assim?
— Sim, os jornais falaram muito nisso. O meu treinador trouxe-me as minhas botas de Olhão, mas não o deixaram entrar.

E Cabrita recordou:
— Quando na cabina depois do jogo me des-calcei e todos viram como eu tinha os pés a sangrar, ficaram admirados. O seleccionador, que era Salvador do Carmo, até me chamou «anjinho».

— Que jogos internacionais efectuou mais?
— Contra a Espanha, em 1950, para o campeonato do Mundo. Também não joguei grande coisa. Depois contra a França B em 1951, no jogo em que se estreou Águas jogando eu a interior.

E prosseguiu:
— Depois fui para França e durante esse tempo não prestei serviço à selecção.

«Quando voltei, e então a jogar no Sporting da Covilhã, tornei a ser internacional, mas nessa altura a médio. E, então, sim, tive as minhas melhores tardes da selecção. Foi pena aquela lesão contra a Áustria...

— O Ocvirk «deu-lhe» para o aleijar, não?
— Estou convencido disso. Ele já não podia com a minha sombra. Que raiva me fez, ver-me impossibilitado de continuar, e cheio de dores!...

COMO UM JOGO BELENENSES-FLAMENGO DITOU O FUTURO DE CABRITA

Reatámos o fio à meada. Voltámos aos tempos do Olhanense.

— Porque deixou Olhão, Cabrita?, — perguntámos. Isso é uma história aborrecida.

— Conte, por favor...

— Uma semana antes do jogo de passagem, que o Olhanense havia de disputar



Em 1946, noutro jogo contra o Sporting. Belíssimo salto.



Em estágio no Estoril, para jogar contra a Espanha, em 1950.



Já lá vão sete anos bem contados. Estágio contra a Espanha (Campeonato do Mundo), reconhecendo-se: Arsénio, Virgílio, Cabrita, F. Ferreira, Ben David, Barrigana e F. Caiado.



com o Salgueiros, o Belenenses fez um jogo contra o Flamengo, e pediu para eu jogar.

— E o Olhanense consentiu?!

— Pois consentiu! E com tanto azar, que me lesionei num joelho. Tratei-me mas fui para o jogo sem estar curado.

E com um acento de amargura:

— No estágio do Estoril não sai do quarto a fazer aplicações ao joelho doente. Por mais que insistisse que não estava em condições de jogar, não quiseram acreditar-me. Que fizesse um sacrifício...

— Que disparate, fazer alinhar um jogador lesionado num jogo de tanta responsabilidade! — não pudemos deixar de observar.

«Queimaram-me»! Fui para o jogo e não fiz nada, claro. Pois cada corrida que dava era uma dor naquele joelho... E como podia chutar?!

E a revelação pior surgiu depois:

— Fui castigado por falta de espírito de luta! E à boca pequena dizia-se que eu estava vendido ao Porto, e não sei que mais!

— Fantástico!
— Sabe, aquela gente perdeu a cabeça com a baixa de Divisão. Não foi como, por exemplo, agora no Covilhã, em que toda a cidade reagiu e se solidarizou com a equipa. Em Olhão, todos ou quase todos desanimaram. Por isso ainda hoje o Olhanense continua na II Divisão...

TRANSFERÊNCIA PARA O ANGERS

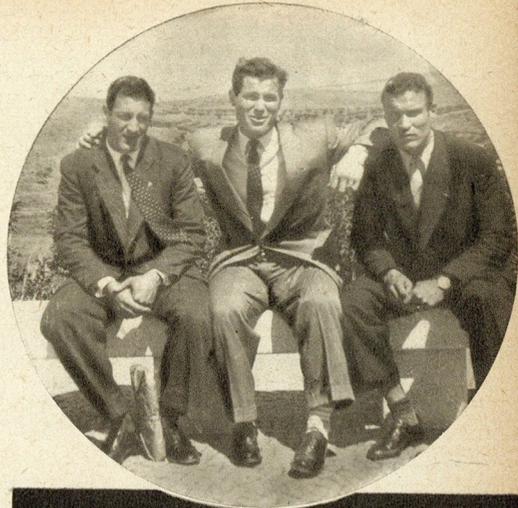
— Hoje perdoo-lhes o mal que disse-ram de mim. Na altura fiquei desgostoso e jurei que nunca mais voltaria a jogar no Olhanense!

— Como surgiu a hipótese de ir para França?

— Foi o jornalista Alberto Freitas que me transmitiu o convite para ingressar no Stade Français. Fui a Paris participar num jogo nocturno de experiência.

— Exame feliz?

— Creio que sim. Marquei dois dos três



Fora dos muros do Estádio Nacional, entre os bons amigos Serafim e Patalino.

golos da equipa. O Stade, porém já possuía dois estrangeiros e estava na disposição de dispensar o terceiro, mas este fez um grande jogo, pelo que revalidaram o contrato.

— O Cabrita ficou de fora... — deduzimos.

— Do Stade, sim. Mas o Angers fez-me uma proposta para ficar e eu, após algumas hesitações, aceitei.

E afirmou:

— Hoje bendigo ter aceitado, pois aprendi a ser um verdadeiro profissional, o que muito útil me tem sido última-mente.

DUAS ÉPOCAS TRIUNFAIS NO ANGERS

— Que tal se deu em França? — interro-gramos.

— À parte as saudades da pátria, muito bem. Fui para lá como avançado, mas depressa fiz uns jogos a médio. Até que passei mesmo a defesa central.



▲ Cabrita no Parque dos príncipes em Paris, contra o Star Française.

— De facto, nos últimos jogos que lhe vimos fazer no Olhanense, pareceu-nos que o Cabrita tinha mais tipo de interior e médio do que avançado-centro...

— É possível. Mas isso foi a partir de certa altura. Durante muitos anos fui bom marcador (o melhor do Algarve) e lucrei muito em jogar a avançado-centro. É bom conhecer todos os postos duma equipa...

— Mas qual prefere?

— Agora, o lugar de médio. Dantes, avançado-centro...

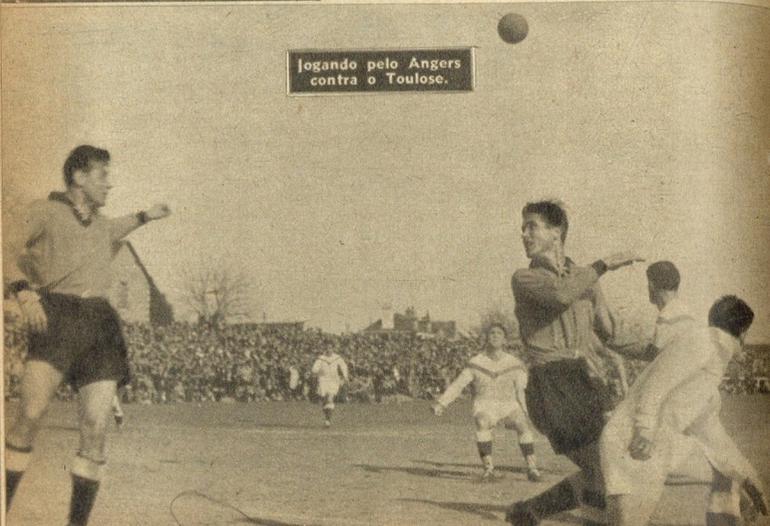
— Em França, diz, chegou a jogar a defesa central...

— Sim. Estreei-me nesse lugar num desafio entre o Angers e Nantes. Este clube tinha um grande avançado-centro holandês (Van Green). Ao intervalo perdíamos por 2-1 e o nosso defesa-central, em «dia não», confessou a sua impotência em segurar o avançado-centro holandês.

— E então...

— O nosso treinador perguntou-me se seria capaz de marcar o Van Green. E de facto mar-

Jogando pelo Angers contra o Toulouse.



▲ Boa vitória do Angers sobre o Sp. Cannes por 4-0...

— Assim, tendo sido 4 vezes «internacional» antes de ir para França, fui mais seis vezes depois de vir: contra a África do Sul e Áustria, em 1953; Áustria (B) em 1955; Sarre (B) em 1956; França (B) e Brasil em 1957.

— Espera continuar na selecção? — indagámos.

— Agora na II Divisão vai ser muito difícil... Bem gostaria, evidentemente. — replicou.

— Que nos diz da baixa do Sp. Covilhã?

— Prefiro não falar nisso. Agora o que é preciso é pensar em trazê-lo de novo à I Divisão.

E acrescentou:

— Estou bastante aborrecido com a baixa de Divisão mas com uma vontade de ferro para trabalhar e ajudar o clube a voltar ao meio dos «Grandes».

— Só como jogador ou... treinador também? — aventámos.

— Só como jogador, mas sempre ao dispor para qualquer ajuda no sentido técnico, tático ou físico.

— Até quando? Quer dizer, o Cabrita pensa jogar quantas épocas mais?

— Às vezes que as minhas pernas queiram. Mas já previno que farei todos os possíveis para bater o recorde de «longevidade» do nosso país!...

— Bravo! E... depois? O que fará, quando abandonar o futebol?

— Procurarei ganhar a vida honestamente...

— Como treinador? — insistimos.

— Se pensar um dia em enveredar pela

▲ No Sporting da Covilhã, Cabrita vê-se rodeado por Simonyi, Isaurindo e irmãos Cavem.

quei-o de forma a ele não apontar mais nenhum tento.

AO SERVIÇO DO COVILHÃ

— Como surgiu a ideia de ingressar no Sporting da Covilhã? — perguntámos.

— Já na primeira época em que vim de férias, a Portugal, o Covilhã mandou um emissário para me contratar. Mas como estava comprometido com o Angers não pude aceitar. No ano seguinte, terminou o meu compromisso com o clube francês e desejei de voltar a Portugal, ingressei no Covilhã, ao mesmo tempo que Simonyi.

— Há quantas épocas está na Covilhã?

— Há quatro anos. Joguei no Olhanense até há época de 1950-51. Depois, em 1951-52 e 1952-53 no Angers. No Covilhã, desde 1953-54.

— Contava voltar também à Selecção?

— Há sempre uma esperança de que o seleccionador repare em nós. Apesar de já estar com trinta anos, quando ingressei no Sporting da Covilhã, sentia-me, como me sinto, em boa condição física.

— Continuando, disse:



Capitão da Selecção B,
no Sarre.

carreira de treinador, desejo primeiramente deixar o Covilhã na I Divisão, e depois realizar o meu sonho de levar o Olhanense também à I Divisão!

REMINISCÊNCIAS...

A terminar a entrevista, fizemos as perguntas da praxe:

—Quais são as suas melhores recordações?

—As minhas tardes mais alegres, em matéria de futebol, foram quando bati o Sporting pela primeira vez e quando em Nantes empatámos com a forte equipa B de França, sendo eu o «capitão». E acrescentou:

—Também nunca poderei esquecer a manifestação do público de Angers.

—A pior recordação?

—Tenho várias, infelizmente, mas uma que me impressionou deveras foi agora quando perdemos com o Braga, por 3-1, em nossa «casa», e que nos custou bem caro: a baixa de divisão.

—Ao longo da sua carreira, quais foram os jogadores que mais lhe custou «passar» ou «marcar»?

—No meu tempo de avançado, Feliciano tornava-se o jogador mais difícil de passar, quanto a mim. Para «marcar», todos são difíceis, mas Teixeira e Fontaine são um caso sério...

É pronto. Fernando Cabrita terminou a sua história. Mas muito terá que contar, se Deus quiser.

Pois se ele aspira a bater um «record» de longevidade futebolística!



No recente jogo da selecção B em Nantes, Cabrita, por ter jogado em França, foi o mais solicitado pelo repórteres. Rodeiam-no: Pérides, Hugo e Pinho.

ARTUR DA SILVA QUARESMA

Naturalidade e data do nascimento: Barreiro, 27 de Junho de 1917.

Clubes representados: 1935-36 — F. C. Barreirense; 36-37 a 48-49 — Belenenses; 49-50 a 50-51 — «O Elvas» (treinador).

Estreia internacional: em 28 de Novembro de 1937, contra a Espanha.

Internacionalizações: 5. Contra: Espanha 3, Suíça e França.

VASCO DE JESUS OLIVEIRA

Naturalidade e data do nascimento: Cascais, 18 de Março de 1922.

Clubes representados: 1939-40 a 41-42 — G. D. S. Cascais; 42-43 a 49-50 — Belenenses.

Estreia internacional: 25 de Maio de 1947, contra a Inglaterra.

Internacionalizações: 2. Contra: Inglaterra e Espanha.

FERNANDO BAPTISTA DE SEIXAS PEIROTEO

Naturalidade e data do nascimento: Humpata (Huila), 10 de Março de 1918.

Clubes representados: 1935-36 a 36-37 — Sporting C. Luanda; 1937-38 a 49-50 — Sporting Clube de Portugal.

Estreia internacional: em 24 de Abril de 1938, contra a Alemanha.

Internacionalizações: 20. Contra: Espanha 5, Suíça 5, França 4, Irlanda 3, Alemanha, Inglaterra e Itália. Golos: 13. Contra: Espanha 6, França 4, Irlanda 2, Suíça 1. Capitão contra a França.

FRANCISCO MOREIRA

Naturalidade e data do nascimento: Barreiro, 29 de Abril de 1915.

Clubes representados: 1936-37 a 42-43 — Barreirense; 44-45 a 53-54 — Benfica; 54-55 — Montijo.

Estreia internacional: em 6 de Maio de 1945, contra a Espanha.

Internacionalizações: 7. Contra: Espanha 3, Suíça, Irlanda, Inglaterra e França. Um golo contra a Suíça.



VASCO DE JESUS OLIVEIRA



ARTUR QUARESMA



FERNANDO BEIRUTE



FRANCISCO MOREIRA